Transformática:
a teoria psicanalítica da comunicação

Aristides Alonso
Potiguara Mendes da Silveira Jr.

A partir do final dos anos 1970 pareceu que a era das grandes teorias, que abordavam tudo sob um único ponto de vista, teria acabado (Lyotard [1979]). Consequentemente, pareceu que descrever os acontecimentos sob vários ângulos seria preferível a tomá-los segundo visões (mais) globais. São dois aspectos que, a rigor, estão entrelaçados, pois qualquer profusão de abordagens sempre implicará a orientação de alguma teoria – que, justo por ser teoria, não deixa de referir-se a modelos protocolares específicos –, assumida ou não. Como, por outro lado, é impossível haver *teoria* que não implique aplicações pontuais (isto que chamam de *prática*), ela será tanto mais eficaz quanto mais inclua pontos de vista diversos.

O que parece inegável, sim, é o fato de os campos teóricos disponíveis até então, todos sem exceção, terem sido obrigados a repensar suas sustentações perante o que começava a se generalizar como globalizada e invasiva transfusão informacional de base tecnológica. Isto, numa rapidez de transformação nunca antes vista, cujos efeitos não deixavam incólumes os mais recônditos nichos do planeta e das mentes. Ou seja, era preciso correr atrás do prejuízo. Não fazê-lo implicava perecer, entrar em declínio[1] enquanto instrumento útil de análise das novas conexões que se estabeleciam e começavam a se expandir exponencialmente.

O campo de estudos da comunicação está à vontade neste novo ambiente, pois surge no início do século XX e se desenvolve concomitantemente à difusão para o grande público da telegrafia sem fio, do telefone, do cinema, do rádio, da televisão... Sempre foram estudos e aplicações que, a cada momento, buscavam mapear e entender as formatações (sociais e mentais) que se aprontavam condicionadas direta ou indiretamente por estas e outras tecnologias – que não cessaram de se transformar (e de transformar o entorno). Para tanto, os estudiosos lançaram mão de saberes disponíveis nas ciências duras, humanas, sociais... Esta característica não é sem problemas hoje: há os que preconizam uma teoria própria, pura, do "comunicacional", e outros para os quais este "comunicacional" justamente implica a disponibilidade de uso múltiplo como especificidade para o campo.

Mas falar em teoria da comunicação é falar de quê? Respondendo de modo esquemático: é falar de algo emitido numa ponta e recebido em outra. Evidentemente, o receptor, por ser receptor, já deve portar as condições de recepção do que foi emitido. Isto é trivial, é o que acontece tanto no que é biótico (organismos simples e complexos) quanto no que é produzido industrialmente (servomecanismos). O desenrolar teórico do campo é conhecido: canal, mensagem, codificação, decodificação, ruído, entropia, *feedback*...

O que nos interessa é o fato de as condições de emissão e recepção já estarem presentes em todos os atores (humanos e não-humanos) envolvidos no processo da comunicação. Por entender isto é que Claude Shannon (1916-2001) (1948) pôde demonstrar uma unidade essencial para todos os meios de informação – texto, sinais telefônicos, ondas de rádio, figuras, filme etc. –, desde que codificados na linguagem universal dos dígitos binários, os bits: uma vez digitalizada a informação, poderia ser veiculada sem erro (se mantida abaixo do limite de velocidade da transmissão).

Mediante esta moderna concepção de informação (não mais intangível, e sim física) (Waldrop, 2001), possibilitou-se o passo que muitos vinham buscando para bem traduzir eletronicamente a dinâmica humana do campo do sentido e do processo da significação, em que predomina a continuidade (Eco, 1971: 20s), para o universo das máquinas, caracterizado pelo sinal enquanto série de unidades discretas computáveis. Mencionamos Shannon por supor que o momento sociotecnológico que vivemos hoje potencializa e expande os efeitos do que sua concepção propiciou (aliada, é claro, aos achados de muitos outros antes e depois dele) – e exige teorias da comunicação consentâneas com esse momento.

Dados psicológicos

Uma origem tradicionalmente atribuída ao campo de estudos da comunicação são as sondagens realizadas por Paul Lazarsfeld (1901-1976) no final dos anos 1920 em Viena e posteriormente nos EUA. É a chamada corrente funcionalista-empirista da mídia de massa, que, promissora na época, passa a mostrar-se muito restrita ante a amplitude que o campo da comunicação vem a ganhar na sequência. Theodor Adorno (1903-1969), outro nome importante dos inícios, trabalha com Lazarsfeld no final dos anos 1930, mas posteriormente critica sua ênfase na "pesquisa administrativa". De lá para cá, como é sabido, muitos avanços e desdobramentos ocorreram – e estudar e pesquisar sobre comunicação continua sendo uma atividade em questionamento constante de suas bases teóricas, processos e objetivos.

Notável para os objetivos de nossa exposição é que, ainda em Viena, Lazarsfeld se interessara pela psicologia e pela psicanálise buscando – sem muito sucesso – desenvolver análises estatísticas para certos problemas psicológicos. Interessa resgatar esta referência, pois nessa época (anos 1920), segundo estudo recente de um pesquisador dos estudos culturais, já vigorava nos EUA uma "convergência fatal entre fordismo e freudismo": este, desde o final do século XIX, surgira como a "primeira grande teoria e prática da 'vida pessoal'"[2] e aquele havia "transformado a vida pessoal em um fenômeno de massa" (Zaretsky, 2004: 138). Convergência esta que demandava novas ferramentas para arrazoar o que ocorria.

Essas mudanças já tinham levado intelectuais a buscarem desenvolver uma cultura genuinamente norte-americana, "emancipada não apenas da Europa, mas também da Nova Inglaterra" e de seu contumaz calvinismo (Zaretsky, 2004: 153). Um dos recursos que utilizaram foi a então nascente psicanálise. Ela fornecia os meios teóricos e práticos para, além dos protestantes brancos anglo-americanos, também incluir judeus, italianos e, sobretudo, negros como integrantes originais dessa cultura – o que alavancou pesquisas como as realizadas pelo movimento Harlem Renaissance[3] na tentativa de "entender as raízes inconscientes da cultura americana" (Zaretsky, 2004: 153).

Então, se Lazarsfeld não tem maior êxito em aplicar estatísticas a questões psicológicas, na Europa e na América já temos bem difundidas as ideias tanto da crescente necessidade de coleta e quantificação das informações (essencial para o fordismo) quanto de que é preciso levar em conta questões psicológicas para a compreensão dos dados colhidos. E mesmo de

que, sem considerar estas questões psicológicas, os dados, estatísticos ou outros, poderiam restar sem possibilidade de aplicação maior.

Freud

Freud (1856-1939) tem incursões exemplares e bastante conhecidas em questões culturais (que hoje podemos bem chamar de *comunicacionais*). As três mais conhecidas são justamente aquelas feitas também nessa década de 1920. Primeira, os estudos sobre a *psicologia das massas* (1921), em que inquiria sobre como um grupo adquire a capacidade de exercer forte influência na vida mental do indivíduo. Freud dialoga com os autores que trataram do tema e aponta que os fenômenos mentais são básica e intrinsecamente dependentes de atividades vinculares (transferenciais, comunicacionais), cujos níveis, em última instância, definiriam os movimentos desejantes gerais da espécie humana (Silveira Jr., 2006: 53). A presença destas ideias em trabalhos orientados pelas ciências sociais hoje já é lugar comum. Segunda, seis anos depois estuda a função da *ilusão* na civilização, educação, relações familiares, atitudes religiosas, e, em consonância com outros pensadores da época, destaca ideias e questões como as que serão depois incluídas no quesito "trabalho imaterial", por exemplo. Diz ele que, além do controle da natureza para a obtenção de riquezas, "parece agora que a ênfase se deslocou do material para o mental" (Freud, [1927]: 17). Terceira, em 1930, trata do *mal-estar na cultura* e, entre itens como a função do trabalho na economia libidinal, reafirma que o homem, "por assim dizer, tornou-se uma espécie de 'Deus de prótese'" (Freud, [1930]: 111), raciocínio este que permeia linhas atuais de reflexão sobre cibercultura, pós-humano, estudos de mídia etc.

No mais, no esforço de configurar uma área temática específica de estudo, pesquisa e aplicação da *comunicação*, tem-se buscado integrar o que diversas disciplinas definem como "contato", "memória", "arquivo", "energia", "informação", "autopoiese", "complexidade", "vínculo", "transferência", "interface", "transe", "rede", "mídia", "poder" e outros termos constituintes das transações e performances dos homens, do mundo, do homem com o mundo e vice-versa. Parece-nos, portanto, claro que o horizonte de qualquer teoria da comunicação deve ser o de uma dinâmica capaz de incluir ao máximo esses acontecimentos.

Uma teoria plena: a pulsão, o Haver, o revirão e a indiferenciação

Nosso encaminhamento supõe, então, que, para pensar em teoria hoje, em qualquer área, não é possível desconsiderar pontos como os elencados acima. E já que o objetivo é apresentar contribuições para a consolidação da comunicação como campo de conhecimento, estudo e pesquisa, é cabível a referência a teorias atuais capazes de embasar uma concepção consistente do que seja a comunicação, seus processos, suas formações e resultantes. Neste sentido, tem nos interessado trabalhar uma teoria psicanalítica produzida no Brasil dos anos 1990, que, em mão dupla, postula: a psicanálise é uma teoria plena da comunicação, e uma teoria plena da comunicação é uma teoria psicanalítica (Silveira Jr., 1999).

O ponto de partida é o que Freud, em 1920, adianta como o conceito de *pulsão de morte (Todestrieb)*, uma força ou impulso constante *(konstante Kraft)* que ele descobre estar necessariamente presente no psiquismo. Qualifica-o como "de morte" por constatar que o sentido do impulso é o de sua própria extinção. Hoje, mais avançados nos estudos do conceito e seus desdobramentos, podemos acelerar heuristicamente sua consonância com a segunda lei da termodinâmica (permanente crescimento da entropia) e reforçar algo que Freud indica, mas não desenvolve. A saber, que a pulsão não está apenas circunscrita ao psiquismo, mas diz respeito ao que quer que haja, ao *Haver* (Alonso, 2010).

Esta ampliação do conceito de *pulsão* de morte para o conceito único e genérico de *pulsão* norteou uma grande reformatação do aparelho teórico e prático da psicanálise nos anos 1980, extrapolando-o justamente de seu entendimento apenas como "teoria e prática da vida pessoal" a que aludimos no início e passando a concerni-lo a todos os acontecimentos (mentais, cosmológicos, políticos, sociais...) – como, aliás, sempre foi a perspectiva de Freud. Esta reformatação foi então denominada nova psicanálise[4] e posteriormente, nos anos 1990, renomeada *NovaMente.*

Nesta mesma década, a nova psicanálise propõe uma teoria do conhecimento diversa daquela desenvolvida pela filosofia. Trata-se da *gnômica* (Magno, [1991, v.I]: 96; e [2000/2001]: 59-95), um campo de estudo e pesquisa sobre as condições e desempenhos da produção do conhecimento de *qualquer* ordem, não apenas aquele oriundo da produção científica como querem as epistemologias. A gnômica, como veremos adiante, visa mapear todas as ocorrências do conhecimento (suas relações, transformações e

encaixes). Ocorrências estas que serão operadas segundo uma teoria polar centrada no conceito geral de formação[5], que também será desenvolvido a seguir. O que nos interessa diretamente é que o modo de operação da gnômica, denominado transformática, é proposto como teoria psicanalítica da comunicação. Seu objetivo é justamente descrever, acompanhar e intervir nos processos de coleta e arquivamento das transposições e jogos das formações (Magno [1996]: 391-428; e [1998]).

Como dissemos, trata-se de uma concepção que estende o alcance da pulsão para além do que ocorre no psiquismo e abrange o que há por inteiro, o *Haver* (conceito este que não só designa o campo do possível, mas também inclui o que vier a haver neste ou em qualquer outro universo). Acontece que o movimento pulsional em seus desdobramentos (e não há como impedi-lo de desdobrar-se) bate de frente com uma radical impossibilidade de se extinguir, de não mais haver. É desta impossibilidade que a nova psicanálise extrai uma Lei que se enuncia como *Haver desejo de não-Haver* (A-->Ã). Neste enunciado, temos ao mesmo tempo a requisição de não haver e a impossibilidade de sua consecução, pois o "não-Haver", como o nome diz, não há de fato, só há como nome. É justo esta requisição do impossível que se chama de "desejo" e qualifica também a espécie humana.

Além disso, resulta dessa impossibilidade de passagem à extinção uma operação que a nova psicanálise chama de *revirão*[6]. Ou seja, como o movimento pulsional chega a um ponto extremo e inultrapassável (Ã), isto o faz revirar sobre si mesmo. Neste reviramento, *indiferenciam-se*[7] as polaridades das formações que nele estão em jogo e elas se veem levadas a "retornar" – entre aspas, pois nunca saíram – ao Haver (A). E mais, decorre dessa não passagem e consequente "retorno" que o que quer que haja (material ou imaterialmente) se reduz a existir como formações *condenadas* a uma eterna agonística dentro do Haver, sem um "fora" para onde pudessem ir. Como veremos à frente ao tratar da "teoria polar das formações", o que há são *Formações do Haver* sem saída possível do Haver.

Teoria dos vínculos: os vínculos relativos e o vínculo absoluto

Outra hipótese da transformática que desenvolvemos é que uma teoria da comunicação sempre depende de uma *teoria dos vínculos:* a definição de vínculo que ela toma para si é que dá a sustentação de seu arcabouço conceitual e prático. Em nosso caso, é da lei pulsional, do revirão e da

indiferenciação que se retira um sentido abstrato para a definição dos vínculos e das intencionalidades adscritas a eles.

Em sequência, então, ao que foi dito sobre a pulsão e a inevitável condenação ao Haver, é dentro desta condenação (pois não há o "fora" do Haver) que se produzem e sobrevêm os vínculos. Considerando-se também que o que quer que compareça no campo do Haver força à vinculação[8], como supõe outro conceito freudiano importante, o de *transferência (Übertragung)*, poderemos entender que são relativos os vínculos produzidos no âmbito das oposições presentes nas rotinas do mundo (macho/fêmea, noite/dia, ocidente/oriente...). São vínculos dependentes das formações que a nova psicanálise chama de *primárias* (naturais, somáticas, etológicas) ou secundárias (culturais, simbólicas, neo-etológicas), as quais, mesmo as secundárias sendo mais permeáveis, se mostram reativas às tentativas de transformação em qualquer coisa diferente delas mesmas.

Mas há um tipo de vínculo não relativo, chamado vínculo absoluto, que podemos depreender por via da referência ao movimento pulsional. Nele, para aquém e além da oscilação entre formações opostas observadas no decorrer da história dos pensamentos ocidental (mente/corpo, por exemplo) e oriental (yin/yang, por exemplo), o que ocorre é a suspensão das oposições, ou seja, a possibilidade de *indiferenciação* acima mencionada que os humanos portam como distinção para com os demais vivos (Magno [1993]: 9). Uma vez então que o vínculo absoluto é o que especifica o humano, a nova psicanálise considera que todos da espécie se vinculam não entre si[9], mas absolutamente ao fato de estarem condenados a realizar seus desempenhos numa mesma situação de imanência sem transcendência possível, embora esta transcendência seja requerida o tempo todo de dentro da imanência.

A referência à lei pulsional – Haver desejo de não-Haver – relativiza necessariamente qualquer conteúdo dos vínculos primários e secundários ante a única diferença que importa, aquela intransponível entre Haver e não-Haver (A/Ã). A grande massa dos *recalques* que caracteriza o cotidiano dos vínculos relativos é que impede nossa referência indiferenciante de ser operativa com mais frequência, e, portanto, que a força da pressão (e da opressão, sobretudo) desses vínculos possa ser modulada (portanto, ter chances de ser minorada) pela referência ao vínculo absoluto. Para a transformática, então, é mediante a referência a este vínculo absoluto que é possível destacar tanto os níveis de recalque em vigor em qualquer situação quanto as possibilidade de novos modos de vinculação e de intervenção – políticas, inclusive – nos acontecimentos das pessoas e do mundo.

Outro modelo da teoria é existirem três registros no Haver: primário, secundário e originário[10]. A cada um deles corresponde um tipo de recalque: recalque primário[11], recalque secundário[12] e recalque originário. Este último sendo o modelo dos outros dois por resultar da impossibilidade de passar a não-Haver que ressoa por todo o Haver: se é impossível passar, quebra-se a simetria desejada (entre A e Ã) e há que "retornar" ao Haver tendo recalcado, ainda que por um instante, o desejo de passar. É isto – não passar, "retornar", insistir em passar, não conseguir... – que é o *registro originário*, o registro do revirão.

No *registro secundário* – aquele das anotações do que se dispõe no mundo como formações "naturais", espontâneas –, estabelece-se o diálogo mediante conexões linguageiras ou qualquer tipo de força passível de ser transcrita em algum código. Pode-se discutir infinitamente a respeito de grandes complexidades de oposições e eventualmente estabelecer suspensões no sentido do reviramento dessas oposições, mas a própria suspensão aí estabelecida tende necessariamente a se configurar como situação – isto é, como resistência – no Haver.

Já no *registro primário*, as formações não operam na disponibilidade pontual do revirão (como é o caso no registro secundário). Aí, as oposições são preponderantes e apenas raramente, ou mediante custo muito alto, têm oportunidade de estabelecer novas conexões. As formações primárias – chamadas de *autossomáticas* (suas corporeidades) e *etossomáticas* (comportamentos aderidos a esses corpos[13]) – são muito fechadas, algo precisa *agredi-las*, rompê-las para que deixem um lugar neutro momentaneamente disponível (a produção de uma vacina propiciada no registro secundário intervindo no comportamento de um vírus, por exemplo) e se modifiquem.

Temos, portanto: a) a vinculação absoluta; b) a vinculação secundária, que pode propiciar uma suspensão das oposições como condição para as criações e invenções culturais da espécie, mas que também pode ser neo-etológica (quando co-naturaliza os resultados criadores, isto é, quando os des-historiciza e reduz a mera imitação e repetição dos automatismos espontâneos do registro primário[14]); e c) as vinculações em estado bruto do registro primário, que são etológicas propriamente ditas e autossomáticas.

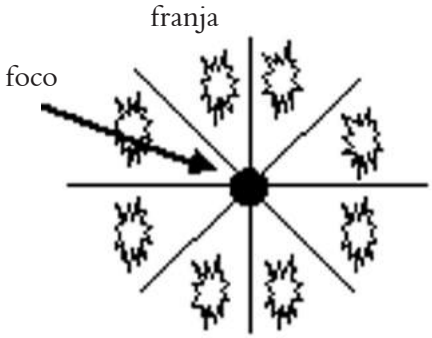
A teoria polar, o conhecimento e a *transa* das formações

Como vimos, a nova psicanálise alça o conceito de pulsão à posição de articulador geral da teoria psicanalítica e destaca a operação do revirão como básica no funcionamento do Haver. Dado que este articulador (a pulsão) e esta

operação (o revirão) estão presentes de saída em suas ações, ela toma o que quer que se manifeste no Haver como emergências artificiosas, sejam emergências espontâneas, que estão aí desde sempre, ou industrialmente produzidas[15]. E mais, qualquer destas emergências (espontâneas ou industriais) é considerada uma formação: uma coalescência resultante da partição, do enantiomorfismo[16] e da fractalização[17] que acontecem diante da impossível realização do revirão último (aquele entre Haver e não-Haver: A-->Ã).

O termo *formação* diz respeito à *teoria polar das formações* que a nova psicanálise vem desenvolvendo junto com sua teoria do conhecimento, a gnômica que mencionamos antes. Para esta teoria polar, o que há são formações. Mesmo gente, humanidade, nossa espécie, são formações. Estas são, entretanto, chamadas *idioformações*[18] porque, além de características biológicas e comportamentais presentes em muitos dos seres vivos também portam o revirão. Por isso, apenas uma idioformação tem "condições de trans-por sua própria formação" (Magno [1996]: 393), mas, como veremos, sua presença não é necessária para que haja conhecimento.

As formações são compostas de aglomerados de formações que resistem, mas não têm como impedir o revirão, isto é, o movimento de transformação em outra coisa diferente delas mesmas, ainda que esta transformação leve milênios para ocorrer. O que conseguem é pontualmente manter-se enquanto "*polos*, configurados como formação e como resistência" (Magno [2005]: 113). São polos constituídos por uma zona *focal*, onde se concentra sua força maior, e uma zona franjal, cujo alcance não se tem como definir. A *teoria polar das formações* é aquela que reconhece a existência de polos e busca apreendê-los mediante a descoberta de focos e a descrição aproximada das franjas (Magno [2005]: 115).



Trata-se, então, de pensar em aglomerados de formações *sem fronteiras*, mas que se polarizam e se configuram como formação e como resistência. No polo assim concebido, o foco pode ser situado, mas não sua franja, que é interminável e está intricada com franjas de outros polos. Por não pensar aplicando fronteiras, a teoria polar supõe que as formações se co-movem e podem se acoplar (comunicar) umas às outras chegando mesmo a se transformarem. Isto é pensável mediante a ideia de haver entre elas o ponto neutro, em que ocorre a "indiferença entre as formações"[19] (Magno [2005]: 122) mencionada acima.

Dada, então, a teoria polar das formações, podemos entender que a teoria psicanalítica do conhecimento, a gnômica (Magno [2008]), visa o "mapeamento possível entre formações do Haver" na "procura de uma formação que melhor se encaixe com outra" (Magno [1994]: 142). Como ela "considera qualquer dessas formações no mesmo registro, no mesmo âmbito de origem: são todas Formações do Haver", o que lhe cabe precisar são "seus materiais, seus modos de produção, suas articulações internas e externas" (Magno [1996]: 391). O conhecimento é, portanto, entendido como o que resulta de uma *transa*[20] *entre as formações* – outra noção importante da teoria –, incluindo ou não a presença de uma idioformação nesta transa: simplesmente "algo se anota quando algo se dá" (Magno [2000/01]: 72). Se o conhecimento se explicita somente com a participação de alguém ou de alguma formação preparada por alguém com este propósito, isto apenas implica a necessidade dessa participação *na explicitação*, "mas não que seja desse alguém a produção" (Magno [1998]: 75).

O que interessa é a *transa* entre as formações – na qual pode estar presente uma ou mais pessoas, isto é, idioformações – que pressionam, se articulam e configuram situações em função dos próprios processos em jogo nessa transa. Vê-se aí um diferencial claro para com as abordagens de base epistemológica, já que não se pressupõe um *sujeito* diante de algum objeto para que haja conhecimento: são, sim, *formações em transa resultando em conhecimento*.

A indiferenciação: aquém do binário

Fundamental para a teoria polar das formações é a ideia de que qualquer formação do Haver se expressa de saída binariamente, opositivamente, mas há um nível *unário* prévio a qualquer modo de expressão. Foi o que Shannon, citado no início, entendeu para aplicar a seu conceito físico de informação (= manipulação de bits). Seguindo um procedimento de engenharia rever-

sa, podemos supor que ele percebeu que, antes ainda de binarizar-se como informação (0/1), estava em jogo na oposição energia/matéria algo da ordem do unário, que, por sua vez, precisava tornar-se binário para se expressar. Ou seja, a informação estaria expressando em bits o unário radicado na própria possibilidade de seu surgimento como informação (Alonso, 2012). É justo este nível unário que é específico do processo de *indiferenciação* presente no registro originário, e que é acompanhável no percurso do revirão.

Como a idioformação que definimos antes é a formação que, além dos registros primário e secundário, porta o revirão em sua própria construtura mental, nela se verifica mais diretamente a operação de indiferenciação. Ao que quer que se coloque para sua mente revirante, no ato, coloca-se também a possibilidade de o oposto daquilo ser possível e mesmo exigível. É assim porque, na mente, antes ainda de qualquer formação expressar-se opositivamente, o que ocorre diz respeito a uma coisa só. É o que, por exemplo, Freud ([1900]) detecta na elaboração dos sonhos e nas fantasias das pessoas (Magno [2010]); ou o que está no livro milenar chinês que inspirou Leibniz, o inventor do sistema binário: ao *I Ching*, antes ainda da combinatória expressa em traços cheios (–) ou interrompidos (– –), o que interessa é a pura e simples *mutação* de um a outro traço; ou ainda o que se busca na computação quântica e na teoria da informação dos q-bits: processar ao mesmo tempo as duas vertentes de uma questão, possibilitando assim, tecnologicamente, que qualquer questão colocada porte a totalidade da computação (Magno [2000/2001]: 515).

Trata-se, então, para a transformática, de tomar a indiferenciação como necessariamente prévia a qualquer expressão – e isto fornece a condição para entendermos as declinações que o unário sofre ao expressar-se. No *vínculo absoluto* é que justamente vigora a indiferenciação. Nem por isso ele elimina a existência dos vínculos relativos (primários e secundários), pois estes têm funções necessárias até para que seja possível conceber incidência e a insistência da vinculação absoluta nas idioformações. A diferença está em supor, como faz a transformática, a hegemonia *referencial* do vínculo absoluto na abordagem dos outros vínculos, possibilitando assim *considerar as formações em seu nível prévio*, e não em função das configurações (naturais ou culturais) de que se revestem. Estamos, pois, no âmbito da pragmática de um *artificialismo amplo* (Silveira Jr., 2006) que não exclui o entendimento das formações ditas naturais, mas as considera também no regime da artificialidade espontânea dada desde sempre.

Transformática: teoria da comunicação

Como dissemos, a transformática é o modo de aplicação da gnômica. Comunicação, para ela, é: o processo dos acoplamentos das formações (conhecimentos) em meio à co-moção que há entre elas. A transformática é, pois, a teoria da comunicação que, mediante a sustentação conceitual na pulsão e a pragmática centrada no revirão, visa colher, descrever e intervir no que ocorre nas, e decorre das, transas entre as formações (que resultam em conhecimento): suas conexões e clausuras, suas possibilidades de acesso e arquivamento, suas transposições e estases, seus avanços e emperramentos, seus níveis de extração e hegemonia (primária, secundária ou originária), seus efeitos vinculares e implicações políticas. Para tanto, ela pode se utilizar do que quer que esteja disponível (produções artísticas, filosóficas, científicas...), desde que aplicado segundo o protocolo do revirão em sua perene possibilidade de neutralização das formações, por mais duras e diferenciadas que aparentem ser.

O que nos autoriza a tomar a transformática como nova teoria da comunicação é o fato de incluir em seu mapeamento e coleta das transas entre as formações um recurso heurístico não presente em outras teorias e que possibilita também a emergência de novas formações que serão incluídas nos sistemas em vigor: o recurso ao processo de indiferenciação do registro originário exposto acima. Ou seja, uma vez que os vínculos primários e secundários são ineliminâveis por serem, juntamente com o vínculo absoluto, os constituintes mínimos das possibilidades de vinculação entre as formações, faz toda a diferença considerar os dois primeiros recorrendo ao processo de indiferenciação que ocorre no terceiro. Assim procedendo, temos que:

a) além das formações em vigor em dado momento, ou dada época, visualizam-se também aquelas que estão sendo recalcadas justamente porque estas estão em vigor[21];

b) considera-se que o recalcado é inerente a todas as formações e, mais, que condiciona as próprias possibilidades de suas manifestações (a cada vez que uma formação se manifesta de tal modo, recalca-se – naquela vez, pelo menos – necessariamente tal outro modo de manifestação e, além disso, a possibilidade de passagem de um a outro);

c) proíbe-se tomar uma formação – qualquer que seja – como perenemente hegemônica na regência das transas entre as formações, já que, segundo a lógica do movimento pulsional presente no Haver, formação alguma deixará de se transformar (isto é, de revirar) à medida que se desempenha como recalcante

de outra ou como recalcada por outra (podendo, eventualmente, qualquer uma, tornar-se obsoleta ou hegemônica);

d) sabe-se que é impossível considerar a totalidade das formações envolvidas em determinada transa, pois a possibilidade de suas conexões é tida como infinita; mas é possível, sim, aviar expedientes – isto é, *próteses* resultantes do recurso à indiferenciação – para que se maximizem a cada vez as possibilidades de computação das formações em jogo em dada situação; e

e) distinguem-se ao máximo "os níveis, os modos e as diversas formações que estão disponíveis em cada processo de vinculação" (Magno [1993]: 120). Sobretudo, distinguem-se as vinculações por reprodutividade em série (primárias) e por transmissão de um discurso (secundárias) da vinculação absoluta (esta, por seu recurso ao revirão, *disponibilizando* – e não "obrigando", pois não se trata de imperativo kantiano – para a reconsideração e transformação das outras duas vinculações).

Vemos, então, que se relativizam as configurações dos poderes e imposições advindas dos vínculos relativos, restando avaliar, caso a caso, a adequação maior ou menor de tal configuração em tal momento – sem, portanto, necessidade de qualquer apego fundamentalista a esta ou aquela formação. Trata-se, o tempo todo, de tomar as situações como resultantes de meras *apostas* quanto a funcionamentos mais eficazes em tal ou qual caso, e não de crença – religiosa, política, intelectual ou outra – que se suponha superior por si mesma. Lembre-se que a indiferenciação implica necessariamente a suspensão das oposições – *quaisquer* (menos aquela impossível de ser eliminada entre A e Ã) –, o que, por sua vez, propicia uma consideração abrangente das possibilidades das transas entre as formações (mesmo que pareçam absurdas).

⋆ ⋆ ⋆

Reportamos acima os elementos constituintes e o contexto de surgimento da transformática como teoria brasileira da comunicação que orienta a linha de pesquisa "Comunicação, estética e psicanálise" em que vimos trabalhando nos últimos 20 anos[22] (orientação de monografias e dissertações, publicação e edição de livros e artigos, participação em congressos[23], em bancas de graduação e pós-graduação, pesquisa clínica, docência). Como vimos, a transformática é uma teoria que não opera mediante fronteiras. Ela toma a comunicação como campo de estudo e pesquisa que surgiu e se desenvolveu numa época em que justamente começavam a perder fôlego as definições produtoras de

demarcações e distinções – entre ciência, filosofia e arte, por exemplo – que pareciam garantir a força da modernidade.

Diz Muniz Sodré que, ao final dos anos 1980, "vão se tornando fluidas as fronteiras entre campos outrora bem demarcados (fenômeno análogo à crise dos gêneros na literatura) no pensamento social" (Sodré, 2012: 15). Consequentemente, as pesquisas e observações realizadas no campo comunicacional, segundo supomos, não podem deixar de proceder enumerando e descrevendo tipos e situações que nos são cada vez mais comuns e próximas: figuras ambivalentes, tramas sociotécnicas, e, sobretudo, reviravoltas e avessamentos que ocorrem a todo momento, se aprimoram, se expandem, se desfazem... Daí a atualidade da transformática, que não opera mediante fronteiras (disciplinares ou outras), o que não exclui que ela trate – e é o que faz, *segundo protocolo próprio* (do revirão) – de questões também tratadas pelo "pensamento social" ou outros.

Ela tampouco se prende aos parâmetros ditos científicos (aliás, hoje, em franca mutação), mesmo estando, como a ciência, interessada na descrição (qualitativa e quantitativa) da composição e do funcionamento das formações, assim como se aplica em intervir nestas formações e investe na possibilidade de criação de novas formações (próteses). E sua doutrina, esta, compõe-se de princípios não apenas discursivamente estabelecidos e regrados por parâmetros da lógica clássica, mas, sim, retirados dos resultados obtidos no laboratório (clínico, empírico) da psicanálise, que toma a estrutura mental como determinada inconscientemente[24] (isto é, como caótica e complexa, em determinismo sem previsibilidade) (Magno [2009]: 118s).

No mais, a transformática se apresenta como um endereçamento já consolidado e promissor aos estudos e à pesquisa em comunicação no Brasil.

Notas

1. Registre-se o comentário de Bernard Miège ao apresentar no Brasil seu paradigma de pensamento comunicacional: "Hoje, em vários países, tanto nos mais desenvolvidos como no meu (que é um país em declínio)..." Justamente a França, tão pródiga em grandes pensadores até os anos 1970... (Miège, 2009: 13).

2. Vida pessoal significando "uma experiência de singularidade e interioridade historicamente específica, (...) sociologicamente fundamentada em processos modernos de industrialização e urbanização, e na história da família", surgida particularmente das experiências dos membros mais jovens e das mulheres em suas iniciais tentativas de manifestação e emancipação no final do século XIX (Zaretsky, 2004: 4-5).

3. Nome dado ao florescimento de atividades culturais e intelectuais ligadas às manifestações africano-americanas ocorridas entre 1920-1930. É a expressão de uma Black America até então impedida de mostrar-se como tal.

4. (Cf. Magno [1986-87]). Esta reformatação ocorreu no âmbito da Escola de Comunicação/UFRJ e está documentada em publicações da época e atuais. Além da comunicação, continua reunindo pesquisadores de várias áreas (filosofia, psicologia, pedagogia, arquitetura [Araujo 2011, 2012, 2013], serviço social). Cf. as obras de MD Magno e de outros pesquisadores em: www.novamente.org.br. Cf. também 'MD Magno' na wikipedia.

5. Para um aprofundamento do conceito na nova psicanálise, (cf. Medeiros, 2008: 4): "Por *formação* entende-se toda e qualquer forma, ordenação, articulação ou estrutura que há, das partículas e anti-partículas a uma ordenação simbólica (humana) qualquer, do código genético e dos ecossistemas vivos a todo tipo de técnica, língua, conhecimento ou arte. Ou ainda, toda e qualquer forma comparecente como matéria, vida ou artefato, para usar os termos das teorias da complexidade e da auto-organização...".

6. Conceito introduzido em Magno [1982]. Considera-se o revirão instalado, de saída, na espécie humana como sua essencial disponibilidade (e não obrigação) para reverter, avessar o que quer que lhe seja apresentado. Acrescente-se que o revirão é também inerente ao que há, ao Haver, e não apenas à espécie.

7. Trata-se de um ponto de suspensão, ainda que por um átimo, do caráter opositivo das formações que pressionam umas às outras dentro do Haver (entre as quais, a formação chamada humana). Suspensão esta produzida por uma *indiferenciação* (isto é, uma equi-valência das diferenças) dos sentidos de seus polos como permanente possibilidade de passagem, em continuidade, de um polo a outro. É aí que se disponibiliza a criação (não de sínteses, mas) das próteses que têm caracterizado nosso modo de existir. Não confundir, portanto, com "superação", dialética ou outra.

8. Ao que há ou venha a haver só é dada a possibilidade de haver vincularmente.

9. "(...) é na absoluta estranheza para com o próximo que encontro a minha absoluta vinculação" (Magno [1993], p. 122).

10. Embora diferentes, não são registros heterogêneos. No humano, por exemplo, as formações primárias estão de tal modo imbricadas às secundárias que se torna difícil estabelecer onde começam umas e terminam outras. Daí, por exemplo, a diferença natureza/cultura, tão necessária ao estruturalismo, perder sua suposta nitidez.

11. Nossa conformação corporal, por ser de saída esta e não outra, já traz recalcada a possibilidade de voarmos, por exemplo, sem que nada precise proibir isto.

12. O fato de falarmos tal língua, por exemplo, recalca as possibilidades de falarmos outras sem sotaque.

13. Cf. (Lorenz [1965], p. 9-10): "(...) padrões comportamentais são características tão confiáveis e conservadas nas espécies quanto as formas dos ossos, dos dentes, ou de qualquer outra estrutura corporal. (...) Admitir que padrões comportamentais têm evolução exatamente igual à dos órgãos leva ao reconhecimento de outro fato: eles também têm o mesmo tipo de transmissão hereditária".

14. A neo-etologia diz respeito, por exemplo, a vinculações nacionais ou religiosas (portanto, históricas) que insistem em se fundamentar em etnia, cor da pele, sexo anatômico, etc.

15. São artifícios de dois tipos: *espontâneos e industriais*.

16. Referente a pares de elementos opostamente simétricos, cujas imagens são especulares, mas não idênticas. Por exemplo, um par de luvas, de cristais, de moléculas...

17. De *fractal* (quebrado), termo criado pelo matemático Benoit Mandelbrot (1924-2010) em 1975 para designar uma figura geométrica não euclidiana que expressa propriedades sem "definição clara: o grau de aspereza, ou de fragmentação, ou de irregularidade de um objeto. Um

litoral sinuoso, por exemplo". A geometria fractal estuda as propriedades e o comportamento dos fractais e supõe que "o grau de irregularidade permanece constante em diferentes escalas" (Gleick, 1990: 93).

18. As idioformações de nosso caso terrestre são chamadas de *pessoas*.

19. Isto porque a Mente – entendida como instância que: abrange o que há, é relacional e transacional, sem dentro ou fora –, diante do que quer que haja ou venha a haver (ainda que apenas em pensamento), opera conjeturando sobre a possibilidade de o oposto daquilo também (vir a) haver.

20. O termo transa é aqui utilizado conceitualmente, englobando não só a ideia de transação (sexual, inclusive), mas também as de transe e transiência das formações.

21. Aquelas nem por isso deixam de forçar seu direito à manifestação. Neste contexto, está o que Freud verificava como permanente pressão do "retorno do recalcado".

22. Em dois Grupos de Pesquisa/CNPq: "Redes Sociais, Ambientes Imersivos e Linguagem" e "ETC: Estudos Transitivos do Contemporâneo".

23. Entre outros, apresentação de trabalhos no GT "Epistemologia da Comunicação" da Compós, desde 2009.

24. Isto é, *hiperdeterminada* para além das sobredeterminações (opositivas, lateralizadas) vigentes no âmbito da Consciência. Cf. Freud ([1925], p. 258): "[ao contrário do que é para a filosofia] o psíquico é antes *inconsciente* em si, [e] estar consciente é apenas uma qualidade que pode ou não juntar-se ao ato psíquico particular e nele nada mais altera, caso fique ausente".

25. As datas entre colchetes se referem aos anos em que os textos foram originalmente apresentados em público (falas, primeiras edições).

Referências[25]

ALONSO, Aristides. *A nova mente da máquina e outros ensaios.* Rio de Janeiro: NovaMente, 2012.

_____. Aspectos do verbo Haver e seu uso na Nova Psicanálise. *TranZ: Revista dos Estudos Transitivos do Contemporâneo*, v. 5, 2010.

Acessar: http://www.tranz.org.br/5_edicao/TranZ10-Aristides-VerboHaver--RevMD.pdf

ARAUJO, Rosane. *A cidade sou eu.* Rio de Janeiro: NovaMente, 2011. Trad. Inglesa: *The city is me.* Londres: Intellect, 2012. Trad. Francesa: *La ville c'est moi*. Paris: L'Harmattan, 2013, a sair.

ECO, Umberto. [1968] *A estrutura ausente - introdução à pesquisa semiológica*. Trad.: Pérola de Carvalho. São Paulo: USP/Perspectiva, 1971.

FREUD, Sigmund. [1930] *Mal-estar na civilização.* ESB, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Trad.: José Octávio de Aguiar Abreu. Tít. orig.: *Das Unbehagen in der Kultur.* p. 73-171.

_____. [1927] *O futuro de uma ilusão.* ESB, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Tít. orig.: *Die Zukunft einer Illusion.* p. 11-71.

_____. [1925] As resistências à psicanálise. Trad.: Paulo César de Souza. In: *Sigmund Freud: obras completas, volume 16*. São Paulo: Cia. das Letras, 2011. p. 252-266.
_____. [1921] *Psicologia de grupo e análise do eu*. ESB, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Tít. orig.: *Massenpsychologie und Ich-Analyse*. p. 87-179.
_____. [1920] *Além do princípio de prazer.* ESB, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 13-85.
_____. [1900] *A interpretação dos sonhos*. ESB, vols. IV e V. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
LYOTARD, Jean-François. [1979] *O pós-moderno*. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
MAGNO, MD. [2010] O halo bífido do inconsciente. *TranZ: Revista dos Estudos Transitivos do Contemporâneo*, v. 5, 2010.
Acessar: http://www.tranz.org.br/5_edicao/TranZ10-Magno.pdf
_____. [2009] Clownagens. Rio de Janeiro: NovaMente, 2012. Cf. trecho, 'A presença do Revirão', publicado em T*ranZ: Revista dos Estudos Transitivos do Contemporâneo*, v. 4, 2009.
Acessar: http://www.tranz.org.br/4_edicao/artigos/MD%20Magno_APresencaDoRevirao.pdf
_____. [2008] *AdRem: Gnômica ou MetaPsicologia do conhecimento. A sair.*
_____. [2005] *Clavis universalis:* da cura em psicanálise ou revisão da clínica. Rio de Janeiro: NovaMente, 2007.
_____. [2000/2001] *Revirão 2000/2001:* "Arte da Fuga" e "Clínica da Razão Prática". Rio de Janeiro: NovaMente, 2003.
_____. [1998] *Introdução à transformática.* Rio de Janeiro: NovaMente, 2004.
_____. [1996] *"Psychopathia sexualis"*. Santa Maria: Editora UFSM, 2000.
_____. [1994] *Vélut luna: a clínica geral da nova psicanálise*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2008.
_____. [1993] *A natureza do vínculo.* Rio de Janeiro: Imago, 1994.
_____. [1991] *Est'Ética da psicanálise: parte II*. 2 v. Rio de janeiro: NovaMente, 2003.
_____. [1986] Pleroma. In: [1986-87] *O sexo dos anjos: a sexualidade humana em psicanálise*. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1988.
_____. [1982] *A música.* Rio de Janeiro: Aoutra, 1986.
MEDEIROS, Nelma. O primado heurístico da noção de "formação": para uma teoria gnóstica do conhecimento. *Lumina: Revista do PPGCOM / UFJF.* V. 2, n. 2, 2008. Disponível em:
http://www.ppgcomufjf.bem-vindo.net/lumina/index.php?journal=edicao&page=article&op=view&path[]=69&path[]=84

MIÈGE, Bernard. O pensamento comunicacional na contemporaneidade. Líbero: *Revista do PPGCom da Faculdade Casper Líbero*. São Paulo, v. 12, n. 23, p. 9-18, junho 2009.
SODRÉ, Muniz. Comunicação: um campo em apuros teóricos. *MATRIZes*. São Paulo: ano 5, n. 2, jan./jun. 2012, p. 11-27. Disponível em: http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/336/pdf
SEIFE, Charles. [2006] *Decoding the universe: how the new science of information is explaining everything in the cosmos, from our brains to black holes.* Nova York: Penguin, 2007.
SHANNON, C. E. A Mathematical theory of communication. Reimpresso com correções a partir de *The Bell System Technical Journal*, v. 27, p. 379-423, 623-656, July, October, 1948. Disponível em: http://cm.bell-labs.com/cm/ms/what/shannonday/shannon1948.pdf
SILVEIRA Jr., Potiguara Mendes da. *Artificialismo total. Ensaios de transformática. Comunicação e psicanálise.* Rio de Janeiro: NovaMente, 2006.
_____. Transformática: programa original de pesquisa em comunicação. *Lumina: Revista da Faculdade de Comunicação/UFJF*, v. 2, n. 3, p. 79-108, junho--dezembro 1999. [texto incluído em Silveira Jr., 2006, p. 1-31]
WALDROP, M. Mitchell. Claude Shannon: reluctant father of the digital age. *Technology Review*: julho-agosto 2001. (technologyreview.com)
ZARETSKY, Eli. *Secrets of the soul: a social and cultural history of psychoanalysis*. Nova York: Vintage books, 2004.

Resumo

Objetivo desse artigo é situar a teoria da comunicação no campo geral do conhecimento (científico ou outro); tomá-la como ferramenta de estudo, pesquisa e aplicação a uma ampla gama de acontecimentos vinculatórios (além daqueles específicos dos seres humanos); descrever a teoria geral dos vínculos que embasa a transformática (teoria psicanalítica da comunicação); e expor a definição de comunicação decorrente dessa teoria geral dos vínculos.

Palavras-chave

Teorias da comunicação – Nova Psicanálise – Pesquisa em comunicação.

Abstract

This paper aims to place the Communication Theory in the general field of knowledge (scientific or other); consider it a tool for studying, researching and to be used in a wide variety of communicative situations (not exclusively those involving human beings); depict the general bonding theory which grounds "Transformatics", the psychoanalytical communication theory; and display a definition of Communication derived of this general bonding theory.

Keywords

Communication theories – New Psychoanalysis – Research in communication.